

## **A fonoarticulação como instrumento para concretizar o método fônico de alfabetização**

Jardini, R.S.R.<sup>1</sup>

### **Resumo**

A alfabetização e o ensino sistemático da consciência fonológica (CF), que é a compreensão e manipulação da cadeia sonora da fala, vêm sendo palco de grandes embates teóricos e científicos, nem todos comprometidos com sua aplicação prática em sala de aula, em que os professores são os agentes principais do conhecimento e os alunos a finalização desse processo.

Alternam-se propostas metodológicas para o ensino da CF, entre abordagem direta, como no método fônico, ou indireta, por meio de seu uso atrelado ao letramento. No entanto, tanto uma como a outra são unidirecionais, enquanto distanciam o aprendiz das bases para essa aprendizagem em si, que passa, necessariamente, pela articulação de fala das palavras que queremos ler e escrever.

Defende-se aqui o ensino da CF por meio da consciência fonoarticulatória (CFA), desde os primórdios na Educação Infantil, com metodologia multissensorial fonovisuoarticulatória específica, favorecedora da concretização do som, agilizando e simplificando o processo.

**Palavras-chave:** método fônico de alfabetização; alfabetização; fonoarticulação; leitura e escrita.

### **1 Introdução**

O foco do ensino/aprendizagem, depois do âmbito familiar, desloca-se para a escola, em que, teoricamente, educadores deveriam estar conscientes e apresentarem domínio profundo dos conteúdos tratados em sala de aula. No entanto, no que tange à alfabetização, observa-se que os debates científicos se focam em discussões teóricas, evidentemente necessárias, mas a maioria dos estudos propõe reflexões nos aspectos epistemológicos do letramento e questões socioemocionais atreladas ao ensino/aprendizagem, com carência de dados comparativos de desempenho dos alunos, que possam promover consistentes adequações no plano de trabalho adotado. (Jardini, 2018).

As diferentes formas de se ensinar a ler passam por debates, que nunca deveriam ter existido, pois um dos grandes erros do século XX seria a adoção de uma coisa, em exclusão à outra (Wolf, 2019). De um lado o ensino explícito dos fonemas, rudimentos básicos do princípio alfabético, defendido nos métodos fônicos e de outro lado, os defensores do método global, em que esse ensino estaria implícito em letramento, excluídos os princípios fônicos.

---

<sup>1</sup> Doutora e mestre em ciências médicas/UNICAMP. Fonoaudióloga/UNIFESP, especialista em Psicopedagogia/UNICEP. Autora e desenvolvedora do Método de alfabetização fonovisuoarticulatório Boquinhos®.

Soares (2016) defende que alfabetizar deve ser visto pelas facetas linguística, interativa e sociocultural, sendo que a primeira deve ser considerada como o alicerce, a natureza real de se ler e escrever, onde há a aprendizagem do sistema alfabético-ortográfico.

Inúmeros estudos, internacionais e nacionais já comprovaram neurocientificamente que o cérebro aprende a ler pelo ensino explícito dos princípios básicos de decodificação, partindo-se de unidades sonoras menores, para se formar palavras com significado. Com isso, o trabalho para o aprendizado e desenvolvimento de habilidades de CF leva à compreensão dos processos envolvidos no princípio alfabético da língua escrita, para se depreender o som (fonema) de cada letra (grafema).

A aquisição da leitura e escrita requereu plasticidade e reciclagem neural, com o envolvimento de múltiplas áreas cerebrais, que se modificaram e se adaptaram para esse fim. Dentre essa plasticidade, destaca-se o acesso à pronúncia e à articulação dos sons das letras (fonemas), o que comprova que somos compelidos, mesmo que mentalmente, a pronunciar as palavras para as lermos. Isso é mais evidente no início da alfabetização, não importando a idade do aprendiz e nível sociocultural (Dehaene, Cohen, Morais & Kolinsky, 2015).

Dentre as discussões que margeiam métodos de alfabetização, teorias de aprendizagem e funcionalidades hemisféricas, vimos o educador distante de seu contexto prático, onde sobram dúvidas e incertezas, que, insolúveis, vão se transformar no discurso das apostilas, em que a reciclagem de material copiado e destituído de contexto e fundamentação se acumula nas cabeças dos alunos-vítimas, que escancaram serem apenas copartícipes dos insucessos, à despeito das mudanças nas bases curriculares nacionais, recursos materiais disponíveis ou idade de finalização da alfabetização.

Sem a pretensão de esgotar o assunto, almeja-se nesse artigo discutir como uma proposta metodológica, unissensorial, no caso o método fônico, sem a sua devida fundamentação e compreensão conteudista, no caso a CF, pode levar a mais equívocos que soluções. Pretende-se com isso, abrir precedentes para a proposição multissensorial, de se considerar a fonoarticulação, no caso, a CFA como mais uma forma de agregar conhecimento teórico e prático para o ensino/aprendizagem da CF, e, conseqüentemente, melhor alfabetizar.

## **2 O problema: ensinar unidades sonoras para os aprendizes iniciais**

Segundo Piaget, a compreensão de mundo focada em seus elementos reais, concretos, sejam imagens ou o próprio objeto em si, denomina-se realismo nominal, e para vencer essa etapa e vir a se alfabetizar, o aprendiz necessita ter consciência da cadeia sonora envolvida nas palavras faladas, ou seja, focalizar os sons das palavras, dissociando-as de seu significado (Soares, 2016). Para esse aprendizado faz-se necessário que haja mediação específica, independentemente da idade do aprendiz.

Em caráter ilustrativo, a Figura 1, nos mostra, segundo a autora, o caminho percorrido para que um aprendiz chegue à compreensão das unidades menores sonoras, ou seja, os fonemas.



Fig. 1: Etapas interdependentes e consecutivas de aquisição dos elementos sonoros das palavras (Jardini, 2017).

Sabe-se que a metodologia fônica parte do princípio de alfabetização sintética e oferece-se para um aprendiz iniciante uma pista oral, sonora, fragmentada, abstrata, sem significado, impalpável e incompreensível, para se compreender uma parte de um todo significativo, indissociável, concreto e real, que são as palavras (Jardini, 2018). É fato que, segundo Scliar-Cabral (2003), na fala os fonemas não são produzidos nem percebidos como segmentos isolados, uma vez que falamos palavras inteiras, significativas. E a tentativa de pronúncia dos fonemas, baseia-se no ato articulatório que o produz, onde podemos apenas enfatizar o modo de articulação, não o fonema em si.

Na Língua Portuguesa a unidade mínima de fala é a sílaba enquanto que na escrita é a letra, ambas regidas por sistemas diferenciados, embora interdependentes, mas cabe ao educador formalizar essa aprendizagem entre as relações fonografêmicas (escrita) e grafofonêmicas (leitura), para que o desenvolvimento da consciência fonêmica se estabeleça de maneira rápida e promova a autonomia escritora (Capovilla, Gütschow & Capovilla, 2004).

No entanto, com raras exceções, observa-se que na rotina das práticas pedagógicas visando o trabalho da CF, pouco, ou quase nada se trabalha em termos realmente sonoros, sendo a consciência de palavras praticamente ignorada. Inicia-se diretamente com o enfoque nas famosas “divisões silábicas, rimas e aliterações”, como um chavão a ser recitado nos manuais de alfabetização correntes. É prática corrente e, inclusive, orientada nas BNCC (Bases Nacionais Curriculares Comuns) (MEC, 2018, 3ª versão), que o estímulo em CF deve ser feito de maneira indireta, ou seja, restrito ao uso de parlendas, cantigas e trava-línguas, em que se desfoca o objetivo da análise fonológica para as questões socioculturais atreladas ao letramento em si, pois é nesse aspecto, segundo essas diretrizes, que se define essa aprendizagem.

Em especial ao conceito de rimas, observa-se ausência da compreensão do efetivo significado de rima consonante, que se trata da repetição dos sons finais da palavra, a partir da vogal tônica, em

que processos fonêmicos (dos fonemas e não das sílabas) já estão envolvidos. Com isso, espera-se que o aluno (e por vezes seu professor) compreenda e aplique rimas, sem que tenha sido exposto à sua fundamentação. E como, na grande maioria dos casos, não se atinge o domínio nem da CF nem da fonêmica, a solução oferecida é pautar-se nos registros da escrita.

Reiterando esse raciocínio, Soares (2016) afirma que como os fonemas são segmentos abstratos, não pronunciáveis e não audíveis isoladamente, é a sua representação em letras ou grafemas que torna visíveis as palavras sonoras, suscitando a sensibilidade fonêmica (Soares, 2016).

Defende-se aqui a ausência de componentes sonoros nessa abordagem, focando-a nas letras que compõem a escrita da palavra, mesmo que os aprendizes sejam analfabetos. Paradoxalmente, parte-se de uma aquisição alicerçada na associação da sequência das letras da palavra e não na efetiva CF, que almeja-se ensinar/aprender. Colhem-se (des) aprendizagens das pautas sonoras, mas pautadas em memorizações, decorebas e cantilenas. A compreensão do princípio alfabético da língua escrita, em que cada letra possui o sem som, e é pronunciada por um gesto articulatório, para poucos alunos é atingida. Ou seja, o aprendizado final é o conteúdo lexicocultural e não o linguístico que se almejava e, por fim, só existe significado, não significante (Jardini, 2018).

### **3 Uma proposta: o gesto articulatório**

A Teoria Motora da Percepção de Fala (Coleman, 1998) divide-se em dois processos, os elementos fonéticos (significante) e os fonológicos (significado), em que os gestos articulatórios para a produção de fala iniciam-se por imitação simples sem acesso ao significado, por recrutamento do sistema de neurônios espelho nessa região cerebral (Iacoboni & Dapretto, 2006). Corroborando esses achados, o autor Nishida (2014) defende que a unidade primitiva de fala se trata da articulação e não do som produzido. Estudos com imagens cerebrais em adultos analfabetos aprendendo a ler e escrever, mostram que fala e alfabetização andam juntas quanto ao tratamento dos sons e os gestos motores fonoarticulatórios para sua emissão (Dehaene et al, 2015).

A consciência fonoarticulatória (CFA) é a parte da consciência fonológica que permite refletir sobre as características articulatórias dos fonemas, sendo a habilidade responsável pela distinção das articulações dos sons da fala, ou seja, os fones, que são entidades concretas, articulatórias. Os aprendizes, crianças e/ou adolescentes e adultos em fase de aquisição da leitura e escrita, apoiam-se em pistas articulatórias como estratégias iniciais para segmentar as sílabas em unidades menores, ou seja, os fonemas (Gindri, Keske-Soares & Mota, 2007).

#### 4 O Método Fonovisuoarticulatório Boquinhos®<sup>2</sup>

Baseado em premissas de que os sons da fala são produzidos por uma boca que os articula, sendo esse mesmo órgão, primevo e de vital importância para a respiração, alimentação e comunicação, foi criado e desenvolvido o Método das Boquinhos® (Jardini & Vergara, 1997). Por meio de fotos da articulação da emissão instantânea e isolada de cada fonema, a autora defende que a imagem individual, de cada fone, usada de maneira metodológica e controlada, viabiliza e favorece a conversão grafofonêmica, transformando-a de abstrata e de difícil compreensão, em algo concreto e palpável, acessível a qualquer tipo de aprendiz, posto que todos possuem uma boca (Jardini, 2018). Essa metodologia, propositadamente, baseou-se na CFA, a partir da Fonologia Articulatória (FAR) (Albano, 2001), para facilitar a associação de um para um (fonema/articulema/grafema), necessária à compreensão do princípio alfabético da leitura e escrita, mesmo sabendo que a produção isolada de um fonema não é factível de ocorrer na fala corrente com significado.

Defende-se aqui nesse artigo que para o aprendizado da consciência fonológica e fonêmica, a viabilização e uso de metodologias multissensoriais, em que o gesto articulatório (rota fonoarticulatória) assume o *status* central nesse modelo, seria um precursor e favorecedor de êxito no aprendizado da leitura e escrita. Assim, acredita-se que a utilização metodológica das bocas e, consequente desenvolvimento e aprimoramento da consciência fonoarticulatória, desde a Educação Infantil, que possui vasta plasticidade neural receptiva, contribui sobremaneira para que o sistema de escrita alfabética se consolide.

Evidências científicas têm sido apresentadas pela autora (Jardini, Paula, Blanco & Ruiz, 2016) mostrando a eficácia dessa metodologia, em crianças e adultos, portadores ou não de alterações na aquisição da leitura e escrita, trazendo ganhos a quem aprende como a quem aplica.

#### 5 Considerações finais

Se a alfabetização pressupõe a aquisição de conhecimentos variados, dentre eles a CF, defende-se que se parta pelo domínio de todos os mecanismos atrelados ao processo desse ensino/aprendizagem, e, para tal, abordagens multissensoriais são favorecedoras. Dentre elas, o gesto articulatório assume o *status* central nesse modelo, para que a complexa habilidade de leitura e escrita seja dominada e ganhe autonomia, estabelecendo, o quanto antes, a fundamental função social que se espera dessa aquisição.

O Método das Boquinhos® sugerido vem se mostrando como rápido, acessível e autêntico, para concretizar o som, propiciando a conversão fonografêmica necessária para se ler e escrever. A

---

<sup>2</sup> Método das Boquinhos®. Metodologia de alfabetização multissensorial fonovisuoarticulatória, (Jardini, 1997), com INPI para produtos e serviços.

fundamentação neurocientífica atrelada à essa metodologia, respaldada em recursos práticos acessíveis aos professores, clínicos e interessados em geral, favorece com que a alfabetização seja exitosa, rápida e prazerosa, enquanto agrega coautoria a todos os envolvidos, uma vez que fazem uso concreto de suas bocas para essa aquisição.

## Referências

- Albano, E. C. (2001). *O gesto e suas bordas: esboço de fonologia articulatória do português brasileiro*. Campinas: Mercado das Letras.
- Capovilla, A. G. S., Capovilla, F. C., & Gütschow, C. R. D. (2004). Habilidades cognitivas que predizem competência de leitura e escrita. *Psicologia: Teoria e Prática*. São Paulo, Vol. 6, Nº. 2, pp. 13-26.
- Coleman, J. (1998). Cognitive reality and the phonological lexicon are view. *J. Neurolinguist.* Boulder, 11, pp. 295–320.
- Dehaene, S., Cohen, L., Morais, J., & Kolinsky, R. (2015). Illiterate to literate: behavioral and cerebral changes induced by reading acquisition. *Nature Reviews*. Vol.16, pp. 234-44.
- Gindri, G., Keske-Soares, M., & Mota, H. B. (2007). Memória de trabalho, consciência fonológica e hipótese de escrita. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*, Barueri, SP, Vol. 19, Nº. 3, pp. 313-22.
- Iacoboni, M., & Dapretto, M. (2006). The mirror neuron system and the consequences of its dysfunction. *Nature Reviews*. 7, pp. 942–51.
- Jardini, R. S. R. (2017). *Método das Boquinhas: uma neuroalfabetização*. Bauru: Boquinhas.
- Jardini, R. S. R. (2018). Fonema ou gesto articulatório: quem, de fato, alfabetiza? *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, RIAEE*, Araraquara, Vol. 13, Nº. 2, pp. 839-854, abr./jun.
- Jardini, R. S. R., & Vergara, F. A. (1997). Alfabetização de crianças com distúrbios de aprendizagem, por métodos multissensoriais, com ênfase fono-vísuo-articulatória: relato de uma experiência. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*, São Paulo, Vol. 9, Nº.1, pp.31-34.
- Jardini, R. S. R., Paula, A. V., Blanco, C. T., & Ruiz, L. S. R. (2016). Método de alfabetização fonovisuoarticulatório na EJA: estudo de caso. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, RIAEE*, Vol. 11, Nº. esp. 4, pp. 2538-57.
- MEC (2018). Bases Nacionais Curriculares Comuns – BNCC. Recuperado de <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/lingua-portuguesa>.
- Nishida, G. (2014). As bases acústicas e articulatórias das teorias de percepção da fala. *Revista do Gel*, São Paulo, Vol.11, Nº.1, pp.142-67.
- Scliar-Cabral, L. (2003). *Princípios do sistema alfabético do português do Brasil*. São Paulo: Contexto.
- Soares, M. (2016). *Alfabetização: a questão dos métodos*. São Paulo: Contexto.

Wolf, M. (2019). *O cérebro no mundo digital: os desafios da leitura na nossa era*. São Paulo: Contexto.